



“As notícias correm”: resultados de uma pesquisa em Comunicação/Educação¹

Regina de Lima Pires

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo

Resumo

Apresentamos neste artigo uma parte da pesquisa de mestrado concluída em maio de 2016, realizada com um grupo de crianças, jovens e adultos da Vila Brasilândia, bairro periférico da cidade de São Paulo, onde foi desenvolvido um projeto de comunicação/educação na produção de um jornal.

Palavras-chave: Comunicação; Educação; Consumo; Diálogo; Periferia.

Há indiferença com relação à miséria e a pobreza das regiões periféricas da cidade de São Paulo, normalmente áreas distantes geograficamente do centro da cidade e dos bairros onde residem pessoas de classes sociais mais elevadas. Este distanciamento físico, mas também simbólico, marca a Vila Brasilândia, desde o início de sua formação até os dias atuais. Trata-se de um espaço físico onde se percebe um elevado grau de desigualdade em relação a outras territorialidades de São Paulo, com destaque àquelas apropriadas pelas classes mais abastadas.

Para Martín-Barbero (2013, p. 277), “é no bairro que as classes populares podem estabelecer solidariedades duradouras e personalizadas”. É também no bairro que a “sociabilidade mais ampla” se constitui e nesta rede de relações sociais vai se formando o tecido cultural. As tramas deste tecido ficam muito claras quando visitamos as vielas do bairro, onde todos se conhecem e, muitas vezes, se ajudam.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Educação e Consumo, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.



Mas são também nestas vielas que o tráfico de drogas estabelece seus pontos de venda e onde, à luz do dia, adolescentes esperam seus clientes, consumidores de drogas.

Salta aos olhos o fato de que a concentração de renda do capital, em todos os países, em todas as épocas com dados disponíveis, sem exceção, é sempre em grandes proporções. Em todas as nações estudadas por Piketty (2014), 50% do total da riqueza, podendo chegar a até 90% em algumas sociedades, está nas mãos de 10% dos indivíduos. Enquanto que os 50% mais pobres não possuem nada ou quase nada, sempre menos de 10% e, em geral, menos de 5% do patrimônio total de um país. “Devemos insistir que esta regularidade em si nada tem de evidente, e ela revela, precisamente, a natureza dos processos econômicos e sociais que governam a dinâmica da acumulação e da distribuição de patrimônio” (PIKETTY, 2014, p. 240).

No Brasil, há uma forte influência da velha tradição da desigualdade que vem desde a colonização portuguesa. “O predomínio de mais de três séculos de latifúndios da terra, trabalho escravo e de monocultura exportadora consolidou a base primária da desigualdade econômica no Brasil” (POCHMANN, 2015, p. 12-13).

Os filhos e netos de escravos, marcados pela cor da pele sofreram e sofrem discriminação até os dias de hoje. Os afrodescendentes, em sua grande maioria, compõem as classes pobres da população, vivem nas periferias e sofrem com a desigualdade de renda, de educação, de direito a cidadania e de justiça. Nas cidades, as periferias passaram a ser o local de morada de muitas destas famílias, que não faziam parte das classes dominantes e, logicamente, não poderiam residir nas áreas nobres das regiões urbanas.

no ano de 2013, por exemplo, os 10% dos brasileiros mais pobres receberam apenas 1,6% dos rendimentos domiciliares particulares permanentes, equivalendo à média de R\$ 572 por mês, enquanto os 10% mais ricos concentraram 39,1%, com ganho médio mensal de R\$ 198 (POCHMANN, 2015, p. 40)

Grande parte dos ingressantes no mercado consumidor brasileiro da primeira década de 2000 foram os brasileiros residentes em favelas. Eles representam 6% da



população e somam 11,7 milhões de pessoas. Elas “(...) constituem novos padrões de consumo, reinventam atividades econômicas e contribuem decisivamente para definir a cultura do país dos emergentes” (MEIRELLES, 2014, p. 28).

COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO EM DIÁLOGO COM FREIRE

Enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Para isso há que reconhecer os meios de comunicação como outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização (BACCEGA, 2009, p. 21).

A família e a escola são agentes de socialização tradicionais. Contudo, no século XX, elas passaram a disputar a hegemonia na formação dos valores dos sujeitos com os meios de comunicação. “Essa disputa constitui o campo comunicação/educação (educomunicação), que propõe, justifica e procura pistas para o diálogo entre as agências”(BACCEGA, 2009, p. 19).

Segundo Baccega, evidenciavam-se dez desafios² ao final da primeira década do século XXI, todos eles imersos pelo processo de diálogo entre os sujeitos na sociedade, “lugar da práxis que desenha e redesenha os sentidos, no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança.” (BACCEGA, 2009, p. 20).

Os meios de comunicação possuem um papel preponderante na configuração da sociedade e cultura moderna e contemporânea, não cabendo questionar se devemos ou não usá-los nos processos educacionais. De fato, os meios de comunicação passaram a exercer uma importante função educativa. Como educador presente em todos os espaços da sociedade, através da televisão, do rádio, dos jornais, das revistas e da internet, tornam-se objeto de estudo e análise primordial ao campo epistemológico da comunicação/educação e também às demais áreas do

² Os dez desafios detalhados por BACCEGA estão em artigo publicado na Revista Comunicação Educação de 2009, sobre o título: “Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica”.



conhecimento.

O Sujeito como protagonista

Uma preocupação central à modernidade: o sujeito deve ter um olhar crítico a respeito da realidade que lhe é apresentada, uma vez que ela é sempre mediada e mediatizada. Segundo Baccega (2009, p. 23), estamos imersos nesta realidade e participamos dos processos de produção, modificação e reprodução deste mundo mediatizado. A autora, valendo-se de Paulo Freire, ressalta que “estar no mundo e com o mundo inclui, obrigatoriamente, hoje, levar em consideração, no conceito de mundo, a mediação, a possibilidade de leitura do mundo que nos é oferecida pelos meios de comunicação” (Ibidem, p. 23).

Mundo editado, uma reconstrução do real

O processo de edição do mundo que nos é apresentado, como ele é construído, quais as forças que se constituem neste jogo de luta pela hegemonia do *status quo* estabelecido são desafios ao campo da comunicação/educação e um dos destaques desta dissertação.

O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos é um mundo EDITADO, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que “apareça” no rádio, na televisão, no jornal. Ou na fala do vizinho e nas conversas dos alunos (BACCEGA, 1994, p. 7).

A importância de trazer este conhecimento e de oferecer caminhos aos educandos e aos sujeitos da sociedade como um todo é um dos motivos pelos quais o campo da comunicação/educação se faz imprescindível ao processo de educar, no século XXI. O mundo editado obedece a interesses econômicos, que na maioria das vezes não são os interesses de toda a sociedade, e para criticá-lo e transformá-lo é preciso compreendê-lo. “O desafio do campo é dar condições plenas aos receptores, sujeitos ativos para, ressignificando a partir de seu universo cultural, serem capazes de participar da construção de uma nova variável histórica” (BACCEGA, 2009, p. 25).

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que



sabem que pouco sabem – por isso sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 2011, p. 25).

Paulo Freire contribui profundamente com suas reflexões a respeito do saber, do educar, do aprender e, principalmente, do sujeito, na mais ampla concepção da palavra. Seus apontamentos esclarecem, direcionam, e mostram o “quefazer” educativo e como ele se dá na relação homem-mundo. A prática educativa proposta por Freire transcende os modelos hegemônicos, que compõem grande parte das técnicas utilizadas na sociedade ocidental desde a modernidade. Para Freire, o processo de aprendizagem depende da comunicação entre o sujeito pensante com outro sujeito pensante. “Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação.

O que interessou a Freire e que também será o ponto central desta pesquisa em toda sua teorização e também na *práxis* é o educar e o conhecer na dimensão humana. O educando é um sujeito e não um objeto e “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos” (2011, p. 29). Objetos não se comunicam, sujeitos sim. Apenas o sujeito, em suas relações homem-mundo pode, de fato, conhecer. “Repetimos que o conhecimento não se estende do que julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constituiu nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica dessas relações” (ibidem, p. 43). Para que o sujeito conheça é preciso que ele se comunique, dialogue. “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 2011, p. 51)

A relação dialógica só é possível quando os signos linguísticos são compreendidos pelos sujeitos. Apenas assim há comunicação entre eles. Desta forma, não há educação sem comunicação. Todo ato de comunicar está educando, assim como todo ato de educar está comunicando. “A educação é comunicação, é diálogo,



na medida em que não é transferência do saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2011, p. 91).

CONSUMO CULTURAL

As atividades desenvolvidas com os educandos da Brasilândia se caracterizam por um tipo de “educação não formal”, como define Maria da Glória Gohn (2010). A importância da educação não formal está em:

(...) articular a educação, em seu sentido mais amplo, com os processos de formação dos indivíduos como cidadãos, ou articular a escola com a comunidade educativa de um território, é um sonho, uma utopia, mas também uma urgência e uma demanda da sociedade atual (GOHN, 2010, p. 15).

Os educandos que compõe esta turma de comunicação e educação praticamente não têm acesso a nenhuma manifestação cultural que não lhes seja apresentada por meio da televisão e/ou do rádio. De todos os alunos, apenas três possuem aparelho de celular, mas os equipamentos são muito simples, possibilitando um acesso precário aos aplicativos de comunicação online, tais como: WhatsApp, Youtube e Facebook.³

No bairro não há uma biblioteca pública infantil ou de adulto, tampouco cinema e teatro. O parque da Cantareira, que se localiza próximo da residência dos educandos, é de difícil acesso.

A televisão, portanto, torna-se o principal produto cultural consumido por todos os educandos. As crianças assistem a desenhos animados, que ainda é fornecido pela programação dos canais SBT e TV Cultura⁴, tais como: o desenho do Pica-pau, a Liga da Justiça e o Quintal da Cultura (TV Cultura). Todos esses conteúdos foram

³ O WhatsApp permite aos usuários trocarem mensagens de texto, vídeo e fotografia. Também é possível enviar uma gravação de voz. O YouTube é plataforma de vídeos gratuitos da empresa norte-americana Google. O Facebook é o canal de mídia social mais utilizado no Brasil, nele é possível criar grupos de pessoas, postar textos, fotos e vídeos. Também é possível compartilhar postagens de outras pessoas.

⁴ A programação infantil nos canais de sinal aberto no Brasil é muito limitada. A TV Cultura, emissora pública do estado de São Paulo, e o SBT são os dois canais que ainda oferecem conteúdo infantil.



citados por uma das educandas. Entre os adolescentes, há preferência pelas novelas *Malhação*, da TV Globo; *Vitória*, da TV Record; *Esmeralda*, *Meu Pecado* e *Feia Mais Bela*, todas novelas do SBT⁵.

Os consumos culturais do grupo estão restritos às possibilidades a que os educandos têm acesso, o que é restringido pelas condições socioeconômicas de suas famílias. Para Mary Douglas e Baron Isherwood “há empregos sem futuro e bairros sem prestígio” (2013, p. 142). Dentre muitos bairros da periferia de São Paulo, podemos afirmar, segundo este critério, que a Brasilândia não tem prestígio. Para os autores, o prestígio amplia o acesso a uma rede de relacionamentos que propicia um maior acesso ao consumo dos bens.

Em 2015, iniciamos a produção de um uma mídia impressa com os educandos. A opção por um meio impresso foi pela viabilidade da produção, uma vez que um vídeo, por exemplo, exigiria equipamentos de filmagem, aparatos de edição e de técnicos para operá-los, estrutura que não dispomos no momento.

A PRODUÇÃO DO JORNAL

Ingrid, uma educanda de 16 anos, pediu que melhorassem os alunos do “Ubaldo”, escola que frequenta. A Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite é descrita por todos como “a pior da região”. Ingrid se queixava de haver muitos drogados, algo que a deixava extremamente incomodada.

De todo o material produzido pelos educandos, entre as histórias, textos, redações e desenhos, separamos 10 textos que poderiam compor um jornal. Li cada texto em voz alta para a turma e mostrei todos os desenhos. Destes dez textos, eles deveriam selecionar quatro. O processo de escolha de apenas quatro textos, tendo que deixar de fora outros seis, não foi simples. Eles não votavam apenas nos textos que julgavam melhores; muitos educandos queriam que o seu fosse o escolhido. Percebia aflorar neste grupo de crianças e jovens a vontade de alguns em se destacar em

⁵ Todas estas novelas estavam sendo transmitidas no momento em que realizamos o levantamento dos consumos culturais dos educandos que estavam em sala, no dia 18/10/2014.



relação ao grupo e, de outros, a vergonha por não ter produzido um texto melhor. Ao mesmo tempo, durante a votação, eles selecionam o que consideram os melhores materiais e acabam ficando satisfeitos com as escolhas.

O terceiro passo foi dividir os quatro textos escolhidos em dois grupos de seis educandos. Em cada grupo deve sobrar apenas um texto. Mais uma vez as discussões recomeçam, até que os educandos conseguem perceber que, por meio da votação, fica mais fácil satisfazer a vontade do grupo com a escolha da maioria. Sobram dois textos e, destes finalistas, os dozes alunos terão de escolher apenas um. Ficam na dúvida, pedem para que eu leia novamente até que votam e escolhem um vencedor. Até aquele momento eles não sabem o que será feito do texto vitorioso na votação. Pego um molde de jornal em tamanho tabloide e mostro a eles que o texto vencedor será a capa do jornal. Percebo que o grupo volta a ficar agitado, curiosos para saber como ficará o jornal. Explico que o segundo colocado será a matéria interna do jornal e o terceiro e quarto colocados irão para a última página. Assim termina a nossa aula e chega a hora do lanche.

Precisávamos de um nome para o jornal. Peço que cada um dê uma sugestão. Surgem as seguintes ideias: “As notícias correm”; “As notícias dos Brasis”; “As notícias fugilantes” (Estéfane deu a ideia, mas não soube nos explicar o que significava “fugilantes”); “As notícias da professora Regina”; “As notícias prosseguidas” e “As notícias de São Paulo”. Iniciamos as votações e, “As notícias correm”, sugestão de Ana Carolina, agora com 9 anos, é a grande vencedora.

Figura xx: Nome do jornal produzido pelos educandos do Batuira



Fonte: Imagem reproduzida pela autora



Para que todos tenham a oportunidade de participar da produção do jornal, mesmo as crianças menores puderam pintar uma letra, como é o caso de Dafne, de 4 anos, que pintou a letra “s”, de “notícias”. Yasmim e Estéfane, disseram que não saberiam fazer a letra e pediram apenas para pintar, ficaram com o “s” de “as” e com o “o” de “correm” e, assim por diante. Cada um deu a sua contribuição, de forma que todos puderam participar.

Mas faltava ainda explicar ao grupo o motivo do processo de edição e a importância de eles escolherem a matéria de capa votando no melhor texto. Pergunto a eles quais as notícias que saem a respeito da Vila Brasilândia nos telejornais, os únicos produtos jornalísticos que eles consomem. Todos me respondem que são notícias sobre violência, morte e ônibus pegando fogo. Concordo com eles e faço uma segunda pergunta. Indaguei se todos os dias morre alguém na rua deles. Prontamente, todos respondem que não. Pergunto se todos os dias pega fogo em algum ônibus no bairro onde moram. Todos respondem que não. Pergunto se não acontece nada de legal na rua ou no bairro deles, todos respondem que sim. Pergunto por que nunca sai nada de bom sobre o bairro onde eles moram nos jornais. Pára um silêncio na sala. Deixo que todos reflitam por alguns segundos e explico que, da mesma forma que eles escolheram a matéria que vai para a capa do jornal “As notícias correm”, na televisão, alguém escolhe as notícias que sairão sobre a Brasilândia. Vira-se Silvana e exclama: “E só sai coisa ruim de nós né, tia?”

O MUNDO EDITADO – VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Com a manchete: “Na cidade só violência”, o texto de Carolina⁶ foi o escolhido da turma para ser publicado na capa do jornal. Sua redação trata de questões que a incomodam sobre a violência no bairro da Vila Brasilândia. Surge também o problema que envolve o consumo de drogas, a relação com a professora, a falta de respeito e o baile funk na rua. O que reivindica Carolina:

Gostaria de mudar a cidade de São Paulo as ruas e a violência

⁶ Aluna cursa o 6º ano do Ensino Fundamental II, no colégio E.M.E.F. Jardim Guarani.



contra as mulheres eu sei que eu não admito isso nem com cachorro animal eu odeio que maltrata animais e a coisa que eu não gosto é isso. Que pare de fumar droga tira as crianças da rua e não deixa vira maloqueira e denuncia que bate e crianças da escola poder ser tia da escola ou professora minha professores falava que nos saímos do além la baixo e todos ficar e elis mas um dia eu perdoei ela e dei um brinco muito bonito mais muito mesmo brilhante cristal ela gostou muito ficou feliz pq eu fui a primeira aluna anda um brinco para ela eu quero que mudar isso não dever xinga ninguém deve respeita as pessoas ensina educação e não deixa ir para o funk.

Os erros são corrigidos e as palavras com erros de ortografia são reescritas pelos alunos em outra folha; porém, nosso objeto de estudo diz respeito às relações de consumo de bens e de produtos culturais por estas crianças e jovens, e a como a violência simbólica e também a violência materializada está presente em sua rua, em seu bairro e em sua escola.

A matéria de capa também deveria ser ilustrada e foi solicitado à turma que fizesse desenhos para a matéria. No primeiro desenho, uma menina loira pede desculpas para uma menina negra. Nos balões, os educandos escreveram: “amigas”, no balão da loira, e “amigas para sempre”, no balão da negra. O racismo emerge nesta ilustração, e com um pedido de desculpas o problema foi resolvido. Na segunda ilustração os educandos representaram uma rua onde há espaço para um cadeirante, um carro e um pedestre. O prédio ao fundo é todo colorido e as faixas de sinalização de pista estão bem nítidas, o que nos passa a impressão de ser uma cidade limpa e organizada. Quando Carolina começa seu texto dizendo que gostaria de mudar a cidade, podemos supor que para ela São Paulo poderia ser da forma como está representada na segunda ilustração.



feliz quanto os meus amigos se os meus amigos ficarem felis eu fico felis tambem Eque as mesas não fosem cabiscadas e que as Professoras Estivessem um salario maior do que 35 R\$.

Mayara tem apenas 13 anos e, nesta redação, ela expressa os problemas que enfrenta no colégio estadual “Ubaldo”, o que sempre foi descrito por todos como o pior da Brasilândia. O problema da merenda escolar é o primeiro a ser apontado por Mayara. Ela chega a dizer que já passou mal com a comida servida na escola e que o lanche vendido na cantina deveria ser gratuito. Outro item básico que ela nos conta faltar em sua escola é o papel higiênico. Com muita clareza, ela afirma que a escola é da forma como descreve, mas, se ela fosse a dona, ou seja, se tivesse o poder de realizar a mudança, a escola seria diferente. Ao mesmo tempo, Mayara não melhoraria apenas o “Ubaldo”, mas todas as escolas do bairro e de suas amigas. Outra questão da qual ela se queixa é que quando um professor se ausenta, os alunos ficam sem aula. Por uma escola melhor, Mayara também queria aulas de computação e um cinema. Impressiona como esta jovem adolescente tem consciência do que deseja e, mais ainda, sabe que “o mundo seria melhor se as escolas fossem melhor”.⁷

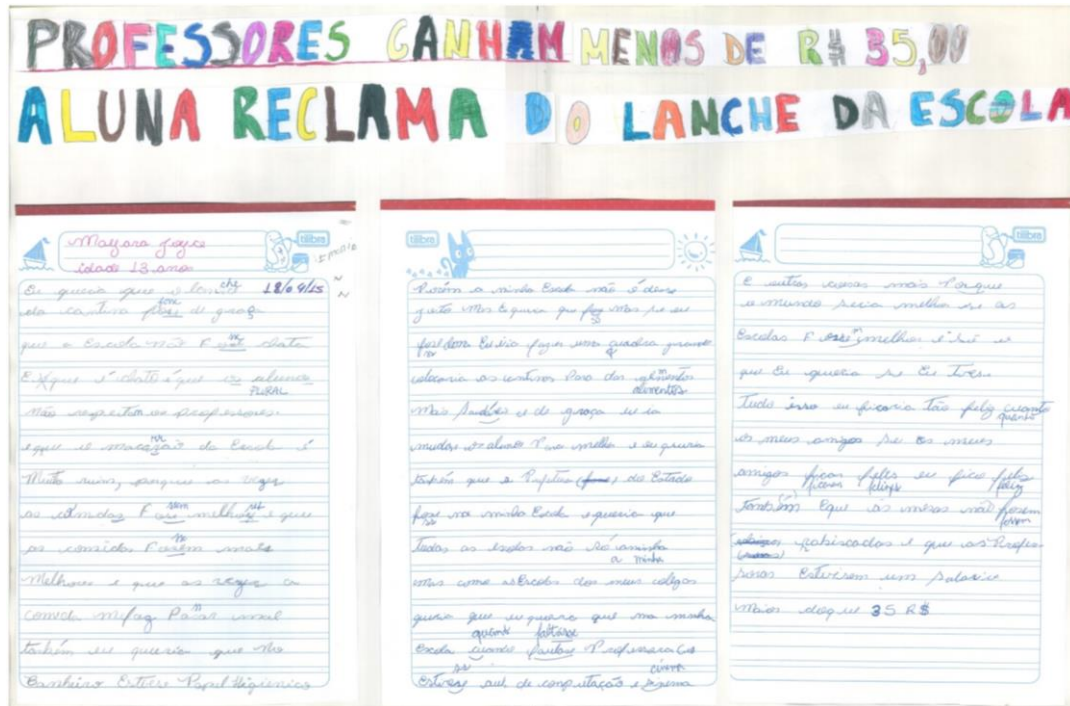
Na contracapa do jornal, entraram três notas. Uma da Ingrid e duas da Catharina. Ingrid começou escrevendo apenas três linhas e, depois que conversamos, escreveu um parágrafo sobre o tema escolhido. Assim como Mayara, ela também estuda do “Ubaldo”. Seu texto faz a seguinte reclamação: “ubaldo costa leite há muitos drogados gostaria melhorassem os alunos gostaria que a Escola do Ublado muda porque aquela Escola só te drogados Eu não queria ficar na Escola preferia a minha Escola antiga porque a antiga Escola e muito legal.”⁸ Mesmo com maiores dificuldades de comunicação, Ingrid também expressa claramente o seu descontentamento com a escola.

⁷ Em 2015, os professores dos colégios públicos estaduais de São Paulo fizeram a maior greve da história. Eles realizaram mais de 24 manifestações e paralisaram as aulas por 92 dias.

⁸ Na prova do Enem de 2010, a nota da Escola Estadual Ubaldo Costa Leite foi 467,33, ficando entre as piores colocadas.



Figura xx: Páginas 2 e 3 do jornal “As Notícias Correm”



Fonte: Imagem reproduzida pela autora

O último texto escolhido para o pé de página da contracapa é de Catharina, certamente a educanda com melhor capacidade de expressão e produção de texto. Ela escreveu duas notas, uma sobre o bairro e a outra sobre a rua.

O que gostaria que melhorasse em meu bairro: Gostaria que melhorasse a aparência para que assim trouxesse uma visão diferenciada. Que o asfalto fosse melhor, que houvesse placas de sinalização, um bom atendimento no SUS, e que principalmente as “pessoas” pudessem cuidar do ambiente, fazendo sua parte. E houvesse biblioteca e centros culturais.

Nesta primeira nota, Catharina traz uma expressão que marcou alguns moradores do bairro rico de Higienópolis, região nobre da cidade de São Paulo, que protestaram contra a construção de uma estação de metrô em seu bairro e, usaram como argumento o fato de se julgarem “pessoas diferenciadas”. Ela utiliza a mesma expressão para se referir à forma como gostaria que seu bairro fosse visto por quem é de fora; que a aparência melhorasse para ter uma “visão diferenciada”. Catharina

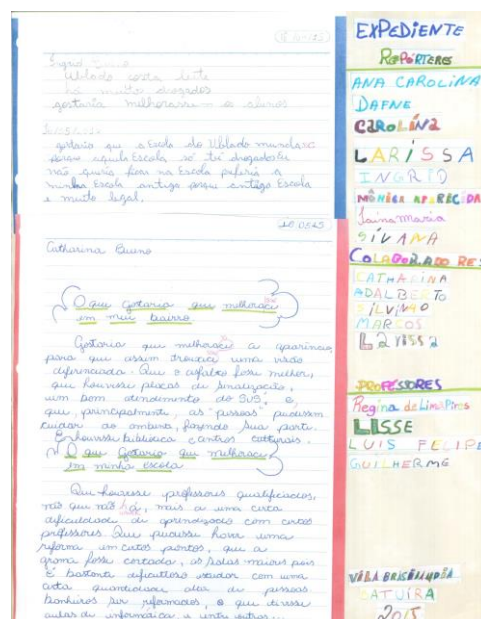


ressalta aspectos viários e urbanos como a melhoria do asfalto e a falta de placas de sinalização. Continua o texto pedindo por um melhor atendimento no Sistema Único de Saúde. Em seguida, demonstra uma consciência dos deveres dos cidadãos de “cada um fazer sua parte”, “cuidando do ambiente”. Por fim, ela ressalta mais uma vez, assim como Mayara, a ausência de aparelhos públicos no bairro, citando a falta de biblioteca e centros culturais.

O último texto do jornal também é de Catharina, e ele trata das questões referentes aos problemas de sua escola. A Adolescente estuda em outro colégio público estadual, o E. E. Prof. Jair Toledo Xavier. Diz Catharina:

O que gostaria que melhorasse em minha escola. Que houvesse professores qualificados, não que não á, mais uma certa dificuldade de aprendizado com certos professores. Que pudesse haver uma reforma em certos pontos, que a grama fosse cortada, as salas maiores pois é bastante dificultoso estudar com uma certa quantidade alta de pessoas. Banheiros ser reformados, e que tivesse aulas de informática, e entre outras.

Figura xx: Página 4 do jornal produzido por educandos do Batuira



Fonte: Imagem reproduzida pela autora



Esta pesquisa em comunicação/educação nos mostrou como é possível dialogar com este grupo de educandos, de diferentes faixas etárias e com capacidades cognitivas distintas por meio de palavras geradoras (a rua, o bairro, a cidade e a escola) e produzir um jornal onde todos conseguem compreender a lógica de produção midiática. O processo de edição os mostrou como são editadas também as notícias a respeito da Vila Brasilândia, bairro onde vivem. Ao mesmo tempo, o grupo expressou, por meio dos textos e dos diálogos, a violência simbólica vivida por eles no dia a dia. Questões antigas e permanentes como a qualidade ruim da merenda escolar, a infraestrutura precária das escolas públicas, a falta de espaços de esporte e lazer na periferia, a desvalorização do professor e a discriminação racial contra os negros foram devidamente comunicadas nos textos dos educandos. Paralelamente, eles compreenderam os motivos de serem publicadas nos jornais apenas notícias ruins sobre o bairro onde vivem, ao participarem do processo de edição do jornal “As notícias correm”.

Referências Bibliográficas

- BACCEGA, M. A. No Mundo Editado à Construção do Mundo. São Paulo: Revista Comunicação e Educação (set. de 1994)., 7-14.
- BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. Comunicação & Educação (Número 3), 19-28(set/dez de 2009).
- DOUGLAS, M. e.. O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo (2a edição ed., Vol. 1). (P. Dentzien, Trad.) Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (2013)
- FREIRE, P.. Extensão ou Comunicação (15ª edição ed.). (R. D. Oliveira, Trad.) São Paulo: Paz e Terra. (2011)
- GOHN, M. d.. Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez. (2010)
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UERJ, (2013).
- PIKETTY, ., T.. O capital no século XXI (1ª ed.). (M. B. Bolle, Trad.) Rio de Janeiro: Intrínseca. (2014)
- POCHMANN, M. (2015). Desigualdade econômica no Brasil. São Paulo: Edeias & Letras.